

Encontro com Chico Xavier

JNTENÇÃO nossa, há tempos, auscultar nosso caro Chico Xavier, devotado médium que, há quarenta anos, vem oferecendo o melhor de si à Causa Espírita, através da mediunidade psicográfica, com respeito às suas tarefas mediúnicas, mais intimamente consideradas, e daí surgiu a presente entrevista.

Nós, que temos a felicidade de conhecê-lo e de ser-lhe coetâneos, tendo-o, na atualidade, tão perto de nós, não sopitamos o desejo de endereçar-lhe diretamente algumas perguntas. Como nos esclareceria sobre o desenvolvimento mediúnico? Teria alguma vez lavrado outro campo de serviço, que não o da psicografia? Como se iniciou na obra do livro? Como se sente aos quarenta anos ininterruptos de trabalho?

Aventuramo-nos a fazer-lhe essas e outras interrogações e com as respostas originais que nos forneceu, passamos, sem mais delonga, nosso despretenso estudo aos estimados leitores, na certeza de que estamos servindo à difusão de nossa Renovadora Doutrina, porquanto, depois de nosso encontro nas vinte e duas questões que se seguem, reconheci que não temos aí tão-somente material informativo, mas também recursos outros tocados de profunda experiência humana, que nos leva a redescobrir, em nossas atividades espíritas-cristãs, os caminhos do coração para o acesso às fontes da fé pura e do entendimento, de que se derramam sobre nossas almas as águas vivas da esperança, verdade, amor e luz.

1 — Chico, aos quarenta anos de serviço mediúnico, pode você explicar o que seja desenvolvimento de mediunidade?

— *Do ponto de vista técnico, não sei responder. Pela prática da vida, creio, porém, que desenvolvimento mediúnico é o aumento da intimidade do médium com as entidades espirituais ou a penetração gradativa da pessoa humana na esfera de atividades da alma, habitualmente invisível para os olhos comuns.*

2 — Você tem estado sempre, de 1927 até agora, mais acentuadamente na psicografia. Isso quer dizer que você somente desdobrou as suas forças psíquicas, nesse setor?

— *Não. À medida que fui trabalhando na psicografia, os Benfeitores Espirituais, a pouco e pouco, me abriram outras possibilidades de observação, como sejam as que se relacionam com a clarividência, a clariaudiência, a psicofonia, as faculdades curativas e o serviço espiritual à distância, conquanto Emmanuel, o instrutor que nos orienta desde 1931, considere que a psicografia é o meu setor particular de trabalho, do qual não devo desviar a atenção.*

3 — Nunca foram as suas faculdades experimentadas em efeitos físicos?

— *Sim. Recordo-me que nos anos de 1952 e 1953 coopei com os Amigos Espirituais em diversas reuniões de efeitos físicos, carinhosamente acompanhadas por alguns amigos íntimos, notadamente de Pedro Leopoldo, Belo Horizonte, Rio e São Paulo, entretanto, após dois anos de experiências com bons resultados, Emmanuel solicitou encerrássemos essa fase de meus pobres recursos psíquicos, para não interromper os serviços do livro mediúnico.*

4 — Por que teria Emmanuel formulado semelhante solicitação?

— *Alegou o nosso caro mentor que o nosso entusiasmo crescente pelos fenômenos, estava a ponto de descambar para a curiosidade improdutiva e que isso ameaçava o trabalho já instalado por ele e outros benfeitores espirituais para a for-*

mação do livro psicográfico. Além disso, acrescentou que outros medianeiros se incumbiriam das tarefas de materialização e que não me cabia forçar situações ou alterar os planos de trabalho da Esfera Superior.

5 — Em mediunidade, você tem recebido somente espíritos generosos e elevados, como, por exemplo, Emmanuel, André Luiz, Irmão X, Casimiro Cunha e outros?

— *Devo explicar que sou também médium para serviço de doutrinação a entidades perturbadas e sofredoras. Desde 1928, freqüento sessões de desobsessão e, há muitos anos, esse meu esforço é semanal. Em Pedro Leopoldo, participei das reuniões dessa modalidade que se realizavam no "Centro Espírita Luiz Gonzaga" e, depois, no "Grupo Espírita Meimei". Atualmente, nas noites de quartas-feiras, partilho as sessões para desobsessão que se efetuam na "Comunhão Espírita Cristã", aqui de Uberaba.*

6 — Esse trabalho em desobsessão, na sua vida, é aprovado por Emmanuel?

— *Sim, ele afirma que tenho necessidade disso, ensinando-me que o meu concurso em reuniões de desobsessão é para mim o melhor meio de harmonizar-me com irmãos recentemente desencarnados que não simpatizam comigo e de obter a tolerância daqueles espíritos a quem ofendi em minhas existências passadas e que naturalmente me observam ou seguem do Mundo Espiritual, na posição de adversários aparentemente gratuitos.*

7 — Quem do Mundo Espiritual falou com você, a primeira vez, sobre a tarefa dos livros mediúnicos?

— *O espírito de Emmanuel.*

8 — Podemos saber quando?

— *Quando começou a visitar-me em 1931.*

9 — Antes de Emmanuel, algum companheiro encarnado teria anunciado a você o serviço das obras mediúnicas?

— A única pessoa, entre os nossos irmãos encarnados, que me avisou sobre isso foi a nossa irmã D. Carmen Pena Perácio, a médium abnegada que me orientou os passos iniciais na Doutrina Espírita. Lembro-me de que na reunião da noite de 18 de Janeiro de 1929, numa sexta-feira, no "Centro Espírita Luiz Gonzaga", em Pedro Leopoldo, findas as atividades da sessão evangélica, ela me disse ter visto um quadro espiritual, mentalizado por um espírito benfeitor de nossa casa. Afirmou nossa irmã que vira muitos livros em torno de mim, trazidos por amigos desencarnados. Eu não tinha qualquer pensamento a respeito do assunto e, não tendo ouvido bem a palavra "livros", protestei alegando que eu não merecia, de modo nenhum, que os espíritos protetores me trouxessem "lirios". Julguei que ela se referia a essas flôres. Os presentes riram-se fraternalmente, diante de minha surpresa e ela explicou que se tratava de "livros". O incidente de minha incompreensão marcou o aviso, a tal ponto, que D. Ornélia Gomes de Paula, nossa companheira de ideal espírita em Pedro Leopoldo, então presente à reunião, anotou a data do aviso de nossa irmã D. Carmen e me deu essa nota, por escrito, quando saiu o "Parnaso de Além-Túmulo", em 1932.

10 — Você acredita que o Espírito de Emmanuel preparou as suas faculdades para a tarefa do livro?

— Sei que a tarefa do livro mediúnico pertence sobretudo a ele com outros mentores da Vida Maior, mas guardo a convicção de que Emmanuel, com muita caridade e paciência, tenta adaptar-me para a colaboração com ele, desde 1931 até agora, assim como um viajante muito educado procura domar um animal freado e irrequieto, a fim de realizar uma longa excursão.

11 — Acha que ele tem sido para você o amparo que o professor representa, em si, para o aluno?

— Muito mais que isso. Ele tem sido para mim um verdadeiro pai na Vida Espiritual, pelo carinho com que me tolera as falhas, e pela bondade com que repete as lições que devo aprender.

12 — Admite que ele ensinou a você matérias de que você tinha conhecimento, antes da vinda dele até você?

— Sim. Em trinta e seis anos de convívio estreito, quase diário, ele me traçou programas e horários de estudo, nos quais a princípio incluiu até datilografia e gramática, procurando desenvolver os meus singelos conhecimentos de curso primário, em Pedro Leopoldo, o único que fiz até agora, no terreno da instrução oficial.

13 — Poderíamos dizer que você é um autodidata?

— Penso que não, porque diariamente recebo lições de Emmanuel e, às vezes, de outros Espíritos Amigos. Em trinta e seis anos de escola disciplinada com eles, creio que eu deveria mostrar o proveito, de que me vejo muito longe.

14 — Conseguiria você dizer em que matéria Emmanuel é mais exigente com você, na qualidade de educador?

— No trato com os outros, porque diz ele que no trato com o próximo a luz do Evangelho de Jesus deve ser comunicada de quem fala para quem ouve. Quando converso com qualquer pessoa em voz áspera, com impaciência, com agressividade, com anotações de maledicência ou com azedume, ele deixa passar os meus momentos infelizes e, depois, principalmente quando entro em meditações e preces da noite, ele me repreende severamente, lamentando as minhas faltas.

15 — Pode você lembrar algum fato curioso em torno dessa preocupação de Emmanuel com a palavra?

— Recordarei um dos muitos casos nesse sentido, que trago em minha experiência pessoal. Na manhã de 3 de novembro de 1958, viajava eu num avião de Uberaba para Belo Horizonte. Até Araxá, tudo correu bem, mas entre Araxá e a capital mineira, o aparelho foi tomado de grande excitação. Parecia descontrolado e inseguro. Os passageiros começaram a reclamar. O comandante muito sereno veio até nós e disse que não havia motivo para alarme, que a nave seguia para o objetivo em excelentes condições e explicou que os movimen-

tos desordenados do aparelho eram devidos a um fenômeno atmosférico que êle denominou por "vento de cauda". O pessoal acalmou-se, mas como os movimentos bruscos ficaram mais fortes por alguns instantes, muitas pessoas começaram a orar em voz alta e quatro crianças passaram a chorar assustadas. A inquietação geral tomou meu espírito e comecei também a orar, quase gritando: "Oh! meu Deus! oh! meu Deus, tende piedade de nós!" Nisso, quando eu estava nessas exclamações em ponto alto, vi Emmanuel entrar no avião. Veio a mim e perguntou por que motivo eu clamava daquele jeito. Eu respondi: "Estamos em perigo"... E acrescentei, suplicando: "Será esta a hora em que vou morrer?" Êle, muito calmo, apenas me disse: "Não posso saber se o Senhor resolveu determinar a sua desencarnação, agora, mas se você julga que vai morrer, procure morrer com educação, sem aumentar a aflição dos outros." Desde êsse momento, me refiz na poltrona, enquanto que, pouco a pouco, o avião retomava os movimentos normais. Tudo não passara de um acontecimento regular em viagem.

16 — Qual o método que Emmanuel tem seguido em seu desenvolvimento mediúnico?

— *Estudo e trabalho, com disciplina e dever cumprido.*

17 — Em matéria de estudo, quais os livros que êle adota com você?

— *Emmanuel me deixa livre para escolher os livros que eu deseje e dedica muito aprêço a tôdas as obras que analisam sèriamente a mediunidade, mas, desde 1931, me aconselha a estudar constantemente o Nôvo Testamento e a Codificação de Allan Kardec. Desde êsse tempo, não passei um dia sequer sem ler algum trecho ou página dos Evangelhos e dos livros de Allan Kardec, principalmente, o "O Evangelho segundo o Espiritismo" e "O Livro dos Espíritos", pelo menos quinze a vinte minutos diàriamente.*

18 — Emmanuel já fêz para você alguma referência especial sôbre Allan Kardec?

— *Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, êle me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e disse mais que, se um dia, êle, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acôrdo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.*

19 — Chico, temos sômente um total de vinte e duas perguntas para não nos alongarmos em demasia. Assim, aproximemo-nos da parte final de nossa entrevista, com novos assuntos. Você conheceu pessoalmente muitos médiuns brasileiros? e quais dêles ficaram mais nítidos em sua memória?

— *Tenho a honra de haver conhecido muitos companheiros da mediunidade em nosso País, mas peço licença para não declinar nomes porque a lista seria grande e não devo recordar uns e omitir outros, numa entrevista improvisada como a nossa.*

20 — Você sente fadiga aos quarenta anos de serviço mediúnico?

— *Não tenho cansaço algum. A mediunidade sempre foi para mim uma bênção de Deus.*

21 — Está entusiasmado com o movimento de homenagem iniciado pela União Espírita Mineira, ao seu quadragésimo aniversário na psicografia?

— *Reconhecido sim, mas não entusiasmado, porque nada fiz que me dê o privilégio de receber qualquer consideração especial. Na condição de criatura humana, conheço as minhas deficiências e falhas e na condição mediúnica sou um animal em serviço. Agradeço a todos os amigos queridos da União Espírita Mineira, o carinho da lembrança, mas não podemos esquecer os demais companheiros que realizam pela Causa Espírita, o que estou muito longe de fazer em minha indigência total. Nesse sentido, peço permissão para recor-*

dar aqui dois exemplos, quais sejam, nossa irmã Dona Carmen Pena Perácio, em Belo Horizonte, e nossa irmã Antuza Ferreira Martins, aqui mesmo em Uberaba, missionárias fiéis da mediunidade, em serviço ininterrupto, há mais de quarenta anos consecutivos. Cabe-me dizer que devo à Dona Carmen Pena Perácio a felicidade de minha iniciação mediúnica, guardando para com ela uma dívida de gratidão e de amor que jamais conseguirei resgatar.

22 — Tem alguma recomendação a fazer aos irmãos de ideal nesta hora em que recordamos seu quadragésimo aniversário de serviço medianímico?

— *Recomendação não e sim rogativa. Peço aos nossos companheiros de ideal e trabalho uma prece, em meu favor, a fim de que eu venha a errar menos no cumprimento de minhas obrigações.*

Diálogo com Chico Xavier

(BALANÇO MEDIÚNICO DE 40 ANOS DE SERVIÇO)

Ao ensejo dos quarenta anos de exercício constante da mediunidade do nosso amigo Francisco Cândido Xavier, junto aos amigos desencarnados e junto do povo, ocorreu-nos uma entrevista diferente.

Encontrando-se Xavier, em Uberaba, há quase dez anos, e, por isso mesmo, achando-se conosco praticamente quase a quarta parte do seu tempo de mediunidade ativa e, com suficientes recursos de observação para avaliar-lhe a longa quadra de serviço em Pedro Leopoldo, sua terra natal, pensamos que seria interessante anotar, pessoalmente, em companhia dêle, alguns dados estatísticos, no intuito de demonstrar que qualquer de nós pode claramente viver a existência comum concomitantemente com a prática da mediunidade, sem prejuízo da profissão e da experiência em família.

Para isso, a nosso ver, seria importante enfileirar números, tanto quanto possível, e fazer qualquer cousa à guisa de balanço rápido dos seus quatro decênios de trabalho incessante. Quantas reuniões em 40 anos? quantas horas de ação? quantos contatos pessoais? quantas páginas publicadas de todo o material psicografado até agora? Claro que somente por estimativa semelhante exame poderia ser feito, de vez que em quase dez anos de convivência, ser-nos-ia possível ajuizar em cálculo aproximado o balanço referido e, como a estimativa é base sólida para raciocínios lógicos, rumamos para a residência de Chico Xavier na Vila Silva Campos, e, cordialmente acolhidos, demos início à nossa conversação de que